

# “Memórias e Reflexões” de Juvenal Cabral

Luiz Silva

**P**ai de Amílcar Cabral e de Luís Cabral, Juvenal Cabral nasceu a 2 de Janeiro de 1889 na Ilha de Santiago onde faleceu a 20 de Março de 1951. Filho de António Lopes da Costa, antigo estudante no Seminário Liceu de São Nicolau, que aliás morreu muito jovem, deixando o filho Juvenal sob a tutela do avô, Pedro Lopes da Costa, lavrador e comerciante na Ilha de Santiago. Aos 8 anos de idade seguiu com a sua madrinha para Portugal e aos dez anos de idade, segundo João Nobre de Oliveira, (in *A Imprensa Cabo-Verdiana*), foi contemporâneo “por ironia da história, do futuro ditador português Oliveira Salazar, contra quem os filhos combateram na Guiné”. Em 1906 regressa a Cabo Verde onde foi matriculado no Seminário Liceu de São Nicolau que abandonou em 1907 sem concluir os seus estudos e em 1911 parte para a Guiné em procura de trabalho, começando a trabalhar como amanuense em Bolama. Foi professor primário em Cacine, Buba, Banbadinga, Bafatá, onde nasceu o Amílcar Cabral. Foi vereador da Câmara de Bissau mas em 1932 regressa à sua ilha natal onde possuía grandes propriedades agrícolas. A sua permanência na Guiné, que ele bem conheceu, marcou profundamente a sua vida e determinou a sua ideia duma nova unidade Cabo Verde-Guiné, embora no quadro do mundo português. Se ela não se realizou no quadro do mundo português, serviu de inspiração aos filhos de lançar as bases duma nova unidade Guiné-Cabo Verde agora no quadro da Independência, que se não triunfou completamente mas que ao menos levou só dois países à Independência.

Consciente dos sofrimentos do homem negro, foi um acérrimo defensor da sua raça e da sua Terra, atacando todas as teorias racistas que se desenvolveram com a subida do fascismo em Portugal sem nunca pôr em causa o amor a Portugal.

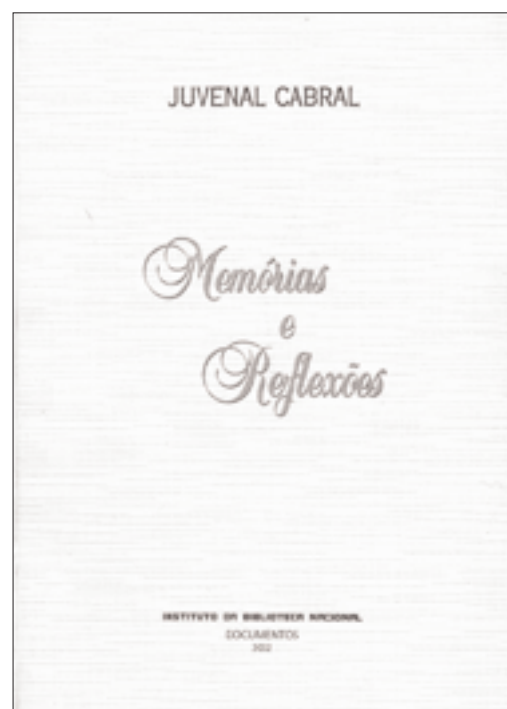
Soube, como também afirma João Oliveira, antes do filho, Amílcar Cabral, a seu modo, fazer a diferença entre o povo e o Estado português.

Este livro, *Memórias e Reflexões*, teve uma primeira edição em 1947. Ano das secas e das fomes que assolaram Cabo Verde e que também levou o autor, Juvenal Cabral, rico proprietário no interior de Santiago, à ruína. Mas, com as precauções necessárias devido ao fascismo, descreve a sua luta de sobrevivência tanto na Guiné como em Cabo Verde. Homem do chão de Santiago, agricultor por excelência, sofreu na carne a morte de milhares de cabo-verdianos vítimas da fome e a dolorosa emigração para São Tomé e Príncipe e Angola. Conhecendo o interior da Guiné, onde a chuva cai desalmadamente, sugeriu, para resolver os problemas das fomes em Cabo Verde, a criação duma colónia de cabo-verdianos no Sul da Guiné, onde pudessem cultivar os produtos necessários a Cabo Verde. Também mandou o filho, Amílcar Cabral, estudar agronomia em Portugal visto que a agricultura continua sendo o grande problema de Cabo Verde.

Cabo Verde e Guiné estiveram unidos como uma colónia até 1879, sendo a capital na Praia na ilha de Santiago, e esta separação não teria agradado na altura os cabo-verdianos, que desempenhavam um papel importante na administração pública e no comércio. Graças à comunidade cabo-verdiana da Guiné, as relações entre Cabo Verde e Guiné foram constantes tanto a nível comercial, como desportivo e cultural, o que infelizmente não sucedeu após a Independência dos respectivos países. A unidade política proposta por Amílcar Cabral à partir da luta de libertação e que certamente esteve como argumento para ser eliminado pelos guineenses em Konakry, em 20 de Janeiro de 1973, à soldo do colonialismo não lhe retira o grande mérito de ter levado

dois países africanos à Independência. Hoje a colónia cabo-verdiana de Bissau, face aos golpes de Estado e às divisões tribais, deixou de ter o peso político e económico que dispôs durante anos na Guiné-Bissau e pouco a pouco vai-se regressando à Cabo Verde ou mesmo ao Portugal.

Este livro tem de ser lido com muita atenção, situando-o no seu tempo e no seu contexto. Algumas das passagens foram utilizadas na propaganda contra o Amílcar Cabral e o PAIGC. Estamos certos que o Amílcar Cabral e o seu irmão não fazem senão evoluir o pensamento do pai, Juvenal Cabral, como tantos outros pan-africanistas do princípio do século passado, que a partir dos anos cinquenta aderiram ao movimento das independências africanas. Toda uma vida marcada de preocupações sociais e culturais, Juvenal Cabral procura também fazer justiça ao governador Amadeu de Figueiredo, cujo nome foi dado a várias artérias das ruas de Cabo Verde pela sua governação, em especial, em favor da educação e da agricultura. Um outro governador que ficou célebre foi o Fontoura



da Costa que, com o apoio de Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, desenvolveu o ensino e introduziu várias plantas em Cabo Verde entre as quais a mandioca “fontoura”, em homenagem ao governador que a introduziu em Cabo Verde e que produzia em pouco tempo. Em São Vicente ainda o nome de um outro português é sempre venerado, seja quais forem os acontecimentos históricos de Cabo Verde e de Portugal: trata-se do Doutor Baptista de Sousa, cujo nome foi dado ao Hospital de São Vicente e que bem o conserva, o que prova que o homem, nas nossas Ilhas, não é julgado pela sua cor mas sim pelas suas acções quotidianas. Como foi dito, o povo cabo-verdiano soube fazer a diferença entre o regime colonial e os portugueses de boa vontade que vieram em seu socorro nos momentos dolorosos da sua história.

Juvenal Cabral deixou vários artigos em revistas e jornais cabo-verdianos. Colaborou na *Voz de Cabo Verde*, no *Futuro de Cabo Verde*, *Notícias de Cabo Verde*, *O Eco de Cabo Verde*, *Mocidade Caboverdiana*, *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação* e ainda no jornal *Ecos da Guiné*. Esta edição do Instituto da Biblioteca Nacional tem o mérito de trazer ao conhecimento da juventude não somente algumas figuras importantes da nossa história como também nos conduzir à um passado recente com o testemunho do impulsionador de Amílcar Cabral, seu filho, a lutar pela transformação política e económica de Cabo Verde ●

\* Juvenal Cabral, *Memórias e Reflexões*, Instituto da Biblioteca Nacional, Documentos, Praia, Cabo Verde, 2002, 218 p.

## “Manduna de João Tiene”, Romance de Pedro Duarte

Luiz Silva

**M**anduna de João Tiene é o primeiro romance de Pedro Duarte (Pedro Gabriel Monteiro Duarte), nascido a 24 de Agosto de 1924. Estudou no Liceu Gil Eanes, em Mindelo, ficando profundamente marcado pela geração *claridosa* e em especial por Baltasar Lopes e António Aurélio Gonçalves, sem dúvida os expoentes máximos da literatura cabo-verdiana. Fiel aos claridosos, em oposição aos irmãos: Manuel Duarte, autor do ensaio *Caboverdianidade e Africanidade*, na continuidade do pan-africanista Pedro Cardoso e de Abílio Duarte, um dos fundadores do PAIGC em Guiné-Bissau em 1956, homem político na cultura, que tanto ao nível da música como das artes plásticas revolucionou a cultura cabo-verdiana, atribuindo-os um engajamento necessário para a luta de libertação, a obra de Pedro Duarte, que portanto viveu quotidianamente no exílio, mantém-se, tanto ao nível do estilo como do tema, uma fidelidade sem falha aos mestres *claridosos*.

Primeiro prémio do concurso “O melhor contista de 1952” onde participa Gabriel Mariano e José Leitão da Graça, com o conto “Migração”, estando já na altura como funcionário na Guiné-Bissau, por onde partira após terminar o curso liceal ou seja o antigo sétimo ano, em virtude dos pais não possuírem meios materiais para financiar um curso superior em Portugal. Conheceu profundamente a Guiné e os seus povos, cabo-verdianamente deu sangue e suor pela Guiné como agente da modernidade, como fora a maioria dos cabo-verdianos residentes na Guiné-Bissau. Dessa vivência na Guiné aprendeu a compreender a Guiné e a África, coisa que ainda está mal estudada pelos nossos políticos cabo-verdianos que não tiveram necessidade de emigrar, para não dizer também os nossos sociólogos e historiadores. Porque o general Spínola entendeu acusar os

cabo-verdianos de serem responsáveis pela luta na Guiné-Bissau, ele foi transferido para Angola em 1970, quando presidia a Câmara Municipal de Bolama. Se o general Spínola não conseguiu afastar os cabo-verdianos da história da Guiné-Bissau, fomentando a divisão entre cabo-verdianos e guineenses, teve a responsabilidade do assassinato de Amílcar Cabral a 20 de Janeiro de 1973.

Mas, preso a Cabo Verde ele não poderia escrever outra coisa que não fosse Cabo Verde e os seus homens. Emigrante, construindo Cabo Verde onde estivesse, tornou-se um cabo-verdiano mais *claridoso* do que os que ficaram, e todo a sua obra, o estilo, as preocupações quotidianas revelam o homem que nunca partiu da sua terra, respondendo a esse ditado santiagoense de que “o corpo que é escravo vai, o corpo que é livre fica”. Esse corpo escravo mas que permite a evolução do espírito pode ficar no exílio mas o espírito regressa às Ilhas no meio do mar. Essas ilhas marcadas pela escravatura e cujo tema serve somente para alimentar as conversas de café e sobre o turismo, pretendem fazer da Cidade Velha, como se no passado não houvesse escravatura nas outras ilhas, uma nota turística na paisagem atlântica, quando ainda suporta nas suas paredes os gritos dolorosos dos escravos. Se Cabo Verde fosse capaz de pensar a sua história, teria feito do dia 12 de Dezembro, um dia feriado, um dia de reflexão sobre a história da escravatura e seu impacto no quotidiano cabo-verdiano, onde ainda está bem presente nos aspectos socio-psicológicos e outros, pois foi a 12 de Dezembro de 1878 que se aboliu definitivamente a escravatura em Cabo Verde. Os negreiros foram todos indemnizados pela perda dos escravos enquanto estes eram abandonados, sem quaisquer meios de vida no espaço prisão das Ilhas, mais facilmente vitimados